

O ARARIPE.

O ARARIPE é destinado a sustentar as ideas livres, protejer a causa da justiça, e propugnar pela fiel observancia da lei e interesses locais. A redação so é responsavel pelos seus artigos; os os mais, para serem publicados deverão ser legitimados. O preço da assignatura é por um anno 4\$000 pagos aiantados; e por 6 meses somente 3\$000. O jornal sairá todos os sabbados. Os assignantes terão gratis 8 linhas por mez as mais será pagas a 60 rs. cada uma e 80 rs. os outros.

CRATO. — Typographia de Monte & Comp. — casa do Pisa — N.

NOTICIARIO

—No dia 17 do corrente entrou no exercicio de delegado de policia desta cidade o 2º supplente, Sr. Manoel Joaquim Tavares. Vinte e quatro horas depois de ter recebido a communicacão de sua demissão, conservava ainda o Sr. Barbosa a sua authoridade. Estava agarrado ao emprego, como uma ostra à pedra. Na verdade, nada mais doce do que a facultade de soltar e prender.

—No dia 15 do corrente mes falleceo de a u terrivel pleuriz, o Sr. Pedro Gunes e Meilo, agricultor laborioso e honesto pae de familia. A terra lhe seja leve.

—Hontem à noite divulgou-se nesta cidade, que voltando da Capital o Sr. João Pereira, sem ter obtido cousa alguma, e encontrando os filhos de Hypolita, não sob a protecção e asilo do Coronel Simplicio, mas na cadeia desta cidade, para serem remettidos ao foro do Oaribuy, reunia gente, para vir atacar a prisão e tomar os. O Dr. juiz de direito, em consequencia disto, e de avisos, que dizem lhe forão feitos, alta noite, fez reforçar a guarda da cadeia. A é agora não appareceo João Pereira, mas continua a diser-se, que está armando sua gente.

—Morreo o crioulo Cyino, contra cuja liberdade se fazião effeitos inauditos no Jardim. Foi uma surpresa, que deve ter desapontado muita gente. Talvez as torturas, porque passava, lhe tivessem abreviado a pesada existencia.

TRANSCRIÇÕES

EXTERIOR.

O vapor ingl-z Tyne entrado neste porto no dia 28 do mes passado, foi portador de importantes no-

ticias, sendo de notar em primeiro lugar a preocupação e o terror de que estão possuidos os habitantes de Londres á vista das exhalacões fetidas que presentemente lanção as aguas do Tamisa. Em todos os lugares da cidade não se fallava em outra cousa, até mesmo o parlamento deixou de funcionar por alguns dias, julgando-se ameaçado d'alguma epidemia terrivel, e citava-se tambem que a rainha tendo de atravessar o rio conservou durante o trajecto uma rosa debaixo do nariz. Os engenheiros consultados a esse respeito, não poderão dar uma soluçao, e nem mesmo são concordes em seus pareceres, porem um jornal dava como causa primordial a grande quantidade de materias feccas, que diariamente se lanção ao rio. Muitos querem enxergar nisso um castigo, que a Providencia quer dar aos ingleses não só pelo seu governo egoistico, como pela pouca protecção, que dão aos catholicos da Irlanda. (Do Pedro 2º)

A CUNHADA.

Se nos fora licito escolher entre uma sogra e uma cunhada, optariamos por ficar sem nenhuma. Tal é o medo, o antagonismo e o horror, que nos infundem estas duas esphinges encarregadas de semear a discordia no paraizo conjugal.

« Temei, dizem os apostolos do celibato, os caprichos, os ataques de nervos, os fanquitos e desvanecios de vossas esposas; receae a perigo a desconfiança com que dam a mão aos vossos anjos: não as deixeis ir sós ao thatro, aos passeias, às assembleas, à igreja; ponde-vos em guarda quando a v-jees constantemente ao espelho; orae pela vossa fama quando se adornarem com prendas que não tenhaes comprado. »

Illudidos! Blasphemam d'uma dita que não co-

ILEGIVEL

hecem. Os possuidores d' um soute estimão no em rasão do trabalho que lhes dá a guardal-o. É indubitavel.

Supprimi os guarda-bosque; derribae o muro; deixae o passo livre aos caçadores; e se apesar d' isto a vossa propriedade não experimentar nenhum damno, tende por certo que o vosso soute perdeu o valor, ou, por motivos que não veem ao caso, os afeiçoados a montaria não lhe dão a estima d' aquelles conhecidos pelo nome de *bocado esquisito, ou peças maiores*.

Em uma palavra, os cuidados e afans com que os celibatarios exaggeram o inferno do matrimonio, saõ, em nosso entender, os elos que formam a positiva e eterna felicidade do esposo.

A verdadeira ventura é sempre invejada.

Debaixo d' este aspecto, a vida conjugal enforca com suavidade, mas não fere, não faz a mais leve arranhadura, nem levanta empola. Invade como uma aplopexia e termina como o cholera-morbus: *chega, vê e vence*.

Conciderado com relação á familia, isto é, o lhado pelo prisma dos *inimigos da casa*, o matrimonio é uma terrivel enfermidade que dá frio e calor como as teiças, dores agudas como o rheumatismo, abhorrimto como a hypocondria, e exuberancia de bilis como a hepatitis.

Entre as causas occasionaes d' esta enfermidade, os pathologos, philologos e philosophos daõ a preferencia à *sogra*: lá sabem porque. Nós damol-a á *cunhada*, e vamos diser o motivo.

A *cunhada* pode ser uma menina de dose annos, de vinte ou de trinta. E a qualquer d' estes casos é superabundante e infivel.

Quando menina, a título da sua innocencia, é o obstaculo preme das vossas expansões amorosas, o verdago de vossos filhos, ejas graça, caricias, e bonitos inveja; o obagado pretexto com que a vossa criada sae de casa.

Quando *casadoira* . . . Não vos enlaceis com mulher que tenha uma irmã casadoira. A *cunhada* de vinte annos serve para muito . . . mas não para fazer ditosa a paz domestica.

Onde está o resignado varão que não treme à vista d' esta terrivel serê? Que nau conjugal não faz ragoa e vae á pique ao certoiro fogo que lhe dirigem os piratas que acodem ao enganoso canto de uma *cunhada*? Que bolsa resiste aos assaltos que dê uma irmã por afinidade? Que braço, robusto seja, sustenta todos os duelos que provoca com suas significativas e socialistas olhadelas a irmã de vossa mulher? E . . . desgraçado de vós se vós negaes a tão pesadas cargas!

Os parentes accusar-vos hão de peccato, de visio de umas vezes, outras de tacaño, e as mais,

isto é peor, de covarde. Não ha meio termo: teades que escolher entre a ruina e o remedio: para isso sois *cunhados*.

Mas quando tudo isto se torna insupportavel, e te *inimigo da casa* é verdadeiramente turbalento e revolucionario, destruidor como a epidemia, poderoso como a alavanca de Archimedes; e fulminante como o garrotinho, é quando, ferido em seo orgulho, perdida a esperanza de casar, com cedora do mundo, e experimentada n' arte de fugir, chega ao cume do seo poder fatal — aos trinta annos.

O coração da mulher solteira n' esta idade é uma arvore desfolhada e secca. Então, e só então, é que a *cunhada* adquire o diabolico dom de comover e excitar as paixões.

Conhece-vos os defeitos, e publica-os; interroga-vos os criados; accusa vossa mulher porque vos ama, sae de proposito para saber a hora a que entraes e saís de casa, chama descorteses aos vossos amigos porque não a preferem em uma polka; afugenta as amigas de vossa esposa porque lhe fazem sombra: obriga-vos a diser que está interessante, fresca, louça, e mais meça que a vossa filha, e exige que lhe chamem *menina*, e que lhe cedaes o melhor lugar no camarote, e na mesa, e nas reuniões.

A seos olhos a vossa esposa é uma victima ou uma mumia. Ella vale muito, muitissimo mais: tem o corpo mais flexivel, mais pequeno o pé, mais torneado o braço, mais alvo o collo, mais perfeito o nariz, mais pretos os olhos e mais comprido e assetinado o cabello. Vossa mulher nunca teve amores senão os vossos; mas *ella* . . . ! *ella* ! . . . quantas occasiões não tem despresado! Vossos filhos vivem e são formosos porque *ella* os cuida: vossa esposa não fez mais do que faria uma embarcação — conduzil-os ao porto; mas depois, depois *ella* recolheu-se, e formou-os a sua semelhança.

Sois uns parvos se amaes só a vossa esposa; uns libertinos se daes o braço a uma amiga; e sois enfim, homens indiscretos e uns papamoscas se preferis o trabalho ou deixaes os negocios, pelo invejavel officio de dispensar a vossa *cunhada* os obsequios, attentões e desvelos que n' gan os outros. E ainda assim não conseguireis fazer menos funesta a sua influencia em vossa casa, porque se não a requestaes vereis seo mortal inimigo, e se o faseis, tomará f. ç com os vossos elogios e accusar-vos-há perante vossa esposa com estas terriveis palavras.

« Ouve, mana: não te digo isto para que te incomodes, que tontice! . . . entre nós, está claro; mas não posso continuar a vir a tua casa: o teu esposo é bom . . . enfim, isto não quer diser . . .

elle ahí ven. . . fallaremos. Adeus o

Naõ precisamos explicar q tom mysterioso e grave, nem a feroz intençãõ com que a *cunhada* pronuncia esta sentença de morte.

O inferno d' aqu elle dia, o purgatorio das seguintes e o mortal silencio que substitue a doce nimaçãõ que reinava entre os esposos, annunciam que a discordia, em figura de *cunhada*, estendeo as suas funestas azas sobre aquella casa.

Feichae-lhe as portas, ou antes . . . lh' abraes.

A ESCADA D' OIRO.

A caridade é uma escada d'ouro; e esta escada tem oito degraus.

O degrau inferior é — dar, mas de má vontade; com a mão, não com o coração. O pobre accelta, por que tem precisão; mas diz: Oh! mau rico! E Deus não tem recompensas para uma tal vida.

O segundo degrau é — dar de boa vontade; mas não segundo as posses. Beneficiencia que calcula não é caridade.

O terceiro degrau é — dar segundo os meios, mas depois de ter sido solicitado. Muitas vezes se é enganado assim; porque não é sempre o que pede que tem mais necessidade.

O quarto degrau é — ir ao encontro do desgraçado; mas dando-lhe na mão excita-se a sua vergonha.

O quinto degrau é — dar sem ver. Nossos avós depunham muitas vezes uma esmola em um lugar onde os pobres iam buscá-la sem serem vistos.

O sexto degrau é — dar sem nos fazer conhecer.

O sétimo degrau é — dar tudo, ficando desconhecido um ao outro; é o que se fazia no santo templo, de Jerusalem, pelos depositos na sala mysteriosa. Dava-se em segredo, e em segredo eram sustentadas as familias pobres mais respeitaveis.

O oitavo degrau é — dar para tirar da miseria ou impedir que ahí se caia. Assim está escripto:

« Se teu irmão descae, se a sua mão enfraquece, sustém-nos, não permittas que elle caia; estrangeiro ou indigena, faze-o viver a teu lado; sustenta-o decentemente. » E' o degrau mais elevado da escada d'ouro da caridade, para o qual Deus reserva todas as suas bençãos.

A CRUZ!

Naõ vêes, filhos, não vêdes,
N'esse altar aquella cruz?
Olhae bem, olhae agora,
E' o nosso amparo e luz!

Para nós remir a todos
Jesus Christo ahí morreo,
E n'ella, por santo exemplo,
O perdao a todos deo.

Foi por nós martyrisado,
Como inda não foi ninguém,
E em paga de mal soffido
Só nos aconselha ao bem!

Aquelle sangue que vertem
Suas feridas com a dôr,
E'-nos provas e vastas,
De seu vasto e santo amor!

Ponde, filhos, n'elle os olhos,
E mostrai que sois chritãos,
E rezae rezae-lhe muito;
Mas primeiro ponde as mãos.

Agora de mãos erguidas,
Rogae por vós e por mim,
Pedi saude e juizo,
E pedi, pedi-lh'o assim:

« Pae do Ceo que ahí nos vêde,
« Tende dó de todos nós,
« Que nós somos vossos filhos
« E tudo esperamos de vós.

« Dae-nos virtude e fortuna,
« Para nós é nossa mãe,
« Livrae-os dos negros vicios,
« E aproximae-nos do bem! »

Fazei da cruz o signal,
Reparae, filhos, assim,
Agora vamos, contentes,
Podeis brincar no jardim.

MENDES LEAL (ANTONIO)

MAXIMAS.

— Moralise quem fôr virtuoso; ensine o sabio; governe o justo.

— Quaes são os intentos que ao mesmo tempo são deveres? Os apuramentos de nós mesmo e a felicidade dos outros.

— A boa educação é uma carta de recommendação, para ter franca entrada em toda a parte.

— Nada ha mais versatil, e instavel que a opinião; é varia, no mesmo instante, de homem para homem; é varia, no mesmo homem, de instante para instante.

— Quando os governos são representantes de partidos, tem menos difficuldade em conter os inimigos, que em satisfazer aos compromissos, e exigencias dos amigos.

—A tyrannia é cuidadosa em involver no expressivo da ignorancia o entendimento dos homens, fi de que elles nunca entrem no conhecimento de seus direitos.

—A liberdade da innocencia é o defensor da innocencia; o compressor dos desmandos; o correctivo das demasias; o espectro da concussão; o phantasma do arbitrio; o pesa-êlo da tyrannia; e sustentaculo da liberdade: mas tambem o seu abiso, é o canal da mentira; o apressor da probidade; o vehiculo da calumnia; o algoz da honra.

—O trabalho é o pae das virtudes, como a ociosidade é a mãe do vicio.

—O trabalho do corpo livra das penas do espirito.

—Deus poz o trabalho por sentinella à virtude.

—O que não pratica a virtude, senão pelo o interesse de adquirir boa fama, está mui perto do vicio.

—Nas campanhas da vida a virtude é a nossa melhor alliada.

—Todos navegamos no archipelago da vida humana: mas poucos temos em lembrança o porto do nosso destino.

—O caminho, que conduz á virtude, parece ao primeiro aspecto rude, escarpado e difficil: mas quem nelle chega a entrar, sem auma firmeza de o seguir, acha-o plano, doce, facil e muito mais agradável que o que conduz ao vicio.

—A virtude, que não tem a sua raiz na Religião, é uma planta fragil, que morre com qualquer calor que qualquer vento arrebata, e qualquer verme de troe.

—O caminho da virtude é unico e simples; e o da falsidade vario e infinito.

ANNUNCIOS.

Copia—Pela Secretaria da Policia da Parahiba se fez publico que desapareço da mesma Secretaria, segundo se presume, uma nota de 100\$000 rs. de côr branca, suspeita de falsa, numero 3550 assignada por Joaquim Soares da Costa Guimarães, levando no verso data do mes de maio ultimo, e assignatura do Illm. Sr. Dr. chefe de Policia. — A pessoa que tiver em seu poder dita nota e que a trazer a esta Repartição, receberá alem do valor della uma gratificação de 50\$000 rs., a qual será dada igualmente a quem denunciar a pessoa, que possua a mesma nota, uma vez que isto se verifique. — Secretaria de Policia 20 de julho de 1858

O Secretario Manoel Porfírio Aranha — Conforme. O Secretario Manoel Porfírio Aranha.

Conforme — O Secretario Manoel de Souza Garcia.

A pessoa interessada que nesta Provincia se achar nas circunstancias do presente annuncio derija se a esta Secretaria

Secretaria da Policia no Ceará em 19 de agosto de 1853.

Manoel de Souza Garcia.

Benedicto José de Oliveira, pede por favor a todos os seus devedores de contas vencidas, que lhe venhão pagar até o ultimo de setembro corrente, pois está resolvido a proceder judicialmente a cobrança, contra os que não satisfizerem o seu pedido, mandando pagar seus debitos até o prazo marcado, Crato 6 de setembro de 1853.

JOSÉ PINHEIRO BISERRA DE MENESES, encarregado dos negocios de seu primo Semão Talles de Menezes Jurumenha, avisa aos devedores do mesmo, q' nos domingos e dias santos, acha se nesta cidade em casa de dito Jurumenha, não só para receber suas dividas, como para outro qualquer negocio que a elle dicer respeito. Roga a seus devedores venhão, ou mandem satisfazer seus encargos nos dias acima designados. Crato 11 de setembro de 1853.

QUEM for o dono de uma escrava mulata, que desta comarca fugio desde 1832, ou quem della ter noticia, derija-se ao abaixo assignado, que dará todas as informações, e dirá se ella existe.

João Leite Ferreira.

O abaixo assignado pretende retirar-se no fim deste mes para o sertão a tratar de sua saúde por espaço de 8 meses; chama a attenção de seus devedores de contas vencidas que lhe venhão satisfazer, pois não lhe convem deixar de receber: os que assim não fizerem sujeitam-se a soffrer execuções judiciaes por meio de seu procurador.

Crato 13 de setembro de 1853.

Antonio Luiz Alves Pequeno Junior.

JOSÉ CLEMENTE BARBOSA DE MORAES, caxeiro e procurador do negociante Joaquim Lopes Raimundo do Bilhar, declara aos seus devedores que se apressem encarecidamente em virem liquidar as contas que lhes respectam; attenta a situação da casa, que longe de ceder mais qualquer prazo, faz devulgar a imperiosa precisão, que no caso negativa, o metra á inflexiveis e promptas execuções.

Crato 15 de setembro de 1853.

Imp por Manoel Brígido dos Santos Junior.